

## 6

### Referências Bibliográficas

#### Fontes

##### Fontes Manuscritas

Arquivo Nacional, Conselho de Estado – Secção do Império, Instrução Pública – Collégio Pedro II. Cx. 509, Pac. 5. Doc. 98.

Arquivo Nacional, Conselho de Estado – Secção do Império. Consulta de 12 de Fevereiro de 1844 ao Conselho de Estado: **“Sobre a maneira de se conferir o grau de Bacharel em Letras pelo Colégio de Pedro 2º a passar-se o respectivo diploma”** [...] Consulta da Seção, datada de 12 de Fevereiro de 1844, sobre a maneira de conferir-se o Grau, e passar-se a Carta dos Bacharéis em Letras. Baixou-se Decreto, na conformidade da Resolução, em 25 de Abril de 1844. Resolvida em 13 de Abril do referido ano. Caixa 525, Pacote 3, Documento 54.

Arquivo Nacional, Série Educação – Gabinete do Ministro, IE1-253 1850-1890.

Arquivo Nacional, Série Educação - Ensino Secundário – Relatório dos Alumnos internos do Imperial Collegio de Pedro Segundo, IE4 – 26, 1838.

Arquivo Nacional, Série Educação – Ensino Secundário, IE4-28, 1840.

Arquivo Nacional, Série Educação – Ensino Secundário, IE4-34, 1851.

Arquivo Nacional, Série Educação – Ensino Secundário, IE4-34, 1852.

Arquivo Nacional, Série Educação, Ensino Secundário – Projeto de reforma dos Estatutos da parte científica do Colégio Pedro II, e reforma do ensino primário particular. IE4-34, 1852.

Arquivo Nacional, Série Educação – Ensino Secundário, IE4-776.

Arquivo Nacional, Série Educação – Ensino Primário, IE5-127 1854-1855

Arquivo Nacional, Série Educação – Ensino Primário, IE5-128 1854-1855.

Biblioteca Nacional, Hymno Para o Collégio de Pedro II, por um Bahiano (1838), Seção de Obras Raras, 99B, 4, 1.

NUDOM, Livro de Avisos - Tomo I, 1838 -1839. N. 1-310.

## Fontes Impressas

### Arquivo Nacional

Coleção das Leis do Império do Brasil, Lei de 15 de Outubro de 1827.

Coleção das Leis do Império do Brasil. **REGULAMENTO Nº 62 – do 1º de Fevereiro de 1841**. Altera algumas das disposições do Regulamento Nº. 8 de 31 de Janeiro de 1838, que contém os Estatutos do Colégio de Pedro Segundo.

Coleção das Leis do Império do Brasil, 1854, Decreto Nº 1331 A – de 17 de Fevereiro de 1854.

BLUTEAU, D. Rafael. **Diccionario da Lingua Portugueza, reformado e acrescentado por Antônio de Moraes Silva**. Tomo I. Lisboa: Na Officina de Simão Thaddeo Ferreira, 1789.

BRASIL, Constituição Política do Império do Brazil (de 25 de Março de 1824).

SILVA, Antonio de Moraes. **Diccionario da Língua Portugueza Antonio de Moraes Silva**. Tomo I. 4ª Ed. Lisboa: Na Impressão Régia, 1831.

\_\_\_\_\_, **Diccionario da Língua Portugueza Antonio de Moraes Silva**. Tomo I. 5ª Ed. Lisboa: Typographia de Antonio José da Rocha, 1844.

\_\_\_\_\_, **Diccionario da Língua Portugueza Antonio de Moraes Silva**. Tomo II. 7ª Ed. Lisboa: Typographia de Joaquim Germano de Souza Neves, 1877.

### NUDOM – Núcleo de Documentação e Memória – Colégio Pedro II.

Abertura do Collégio Pedro II. Jornal do Commércio, 27 de março de 1838. In: **Anuário do Colégio Pedro II**. Volume X. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1944.

Anuário do Collegio Pedro II, 1º anno. Rio de Janeiro: Typ. Revista dos Tribunais, 1914.

Discurso inaugural do ex-aluno Oswaldo Pereira D´Aguiar Baptista, membro do Conselho Deliberativo da Associação (12/10/1950). In: **Anuário do Colégio Pedro II (1949-1950)**. Vol. XV. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e da Cultura, 1954.

Discurso recitado na Augusta presença de sua Majestade o Imperador por ocasião da distribuição dos prêmios e colação de grau de bacharel em letras do Imperial Colégio de Pedro 2º no dia 15 de dezembro do corrente ano pelo Dr. Francisco de Paula Menezes, professor de retórica no mesmo colégio. Rio de Janeiro: Typ. do Diário, 1848.

DÓRIA, Escragnolle. Discurso do orador oficial do colégio, prof. Luiz Gastão d´Escragnolle Dória. In: **Anuário do Collégio Pedro II**. Ano V. Rio de Janeiro: A Encadernadora, 1927.

\_\_\_\_\_, Senadores do Império Bacharéis em Letras. In **Anuário do Collégio de Pedro II**, vol. IV: 1919-1920. Rio de Janeiro: Typ. da Revista dos Tribunaes, 1921.

FIALHO, José Antônio de Abreu. Discurso do professor José Antônio de Abreu Fialho, em nome de antigos alumnos. In: **Anuário do Collégio Pedro II**. Volume V – commemorativo do 1º centenário natalício de D. Pedro II (1825-1925). Rio de Janeiro: A Encadernadora, 1927.

Instituição do Bacharelado. Seu Prestígio no Império – Seu Desaparecimento. In: **Anuário do Colégio Pedro II**. Volume XV. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura, 1954.

MACEDO, Joaquim Manuel de. A primeira coleção de grau de Bacharéis em Letras no Colégio de Pedro II. In: **Anuário do Collégio Pedro II**. Ano V. Rio de Janeiro: A Encadernadora, 1927.

Matrículas, 1838-1854.

Os Bacharéis em Letras pelo Imperial Collégio de Pedro II e Gymnásio Nacional. Publicação organizada por alguns Bacharéis em letras. RJ: Typografia do Jornal do Comércio, 1897.

Regulamento N. 8 – De 31 de Janeiro de 1838. In: Franz Dobbert et. alli. (org.). **INTERNATO – Órgão dos antigos alunos do internato do Collégio Pedro II**. Vol. 3, ano III. Rio de Janeiro: Jornal do Commercio, Rodrigues & CIA, 1953.

VASCONCELOS, Bernardo Pereira de. Discurso proferido por ocasião da abertura das aulas do Colégio de D. Pedro II aos 25 de março de 1838. In: **ANUÁRIO DO COLLÉGIO PEDRO II**. 2º ano. Rio de Janeiro: Typ. Revista dos Tribunaes, 1915.

## Internet

Anais da Câmara dos Srs. Deputados. 1826 e 1827. Disponíveis em <[http://imagem.camara.gov.br/pesquisa\\_diario\\_basica.asp](http://imagem.camara.gov.br/pesquisa_diario_basica.asp)>

Relatórios da Repartição dos Negócios do Império apresentado à Assembléia Geral Legislativa [Relatórios do Ministério do Império – RMI]. Rio de Janeiro: Typographia Nacional, 1832-1861. Disponíveis em <<http://www.crl.edu/pt-br/brazil/ministerial/imperio>>

Relatório apresentado a Assembléia Legislativa Provincial do Rio de Janeiro na 1ª sessão da 14ª legislatura pelo presidente o Doutor Ignácio Francisco Silveira da Motta. Rio de Janeiro: Typographia de Francisco Rodrigues de Miranda, 1860. Disponível em <[http://www.crl.edu/pt-br/brazil/provincial/rio\\_de\\_janeiro](http://www.crl.edu/pt-br/brazil/provincial/rio_de_janeiro)>

## Literatura

ALENCAR, José de. Prólogo de Iracema. Carta sobre Iracema. In: Afrânio Coutinho (org.). **Caminhos do pensamento crítico**. Vol. 1. Rio de Janeiro: Pallas, 1980.

ANDRADE, Mário de. Descobrimento. In **Poesias Completas**. Belo Horizonte: Vila Rica, 1993.

ASSIS, Machado de. Conto de Escola. In: **Contos**. Seleção de Deomira Stefani. 26ª Ed, 10ª reimpressão. Rio de Janeiro: Ática, 2006.

\_\_\_\_\_, **Memórias Póstumas de Brás Cubas**. São Paulo: O Globo/Klick Editora, 1997.

AZEVEDO, Aluísio. **Casa de Pensão**. São Paulo: Ática, 1992.

MACEDO, Joaquim Manuel de. **Um passeio pela cidade do Rio de Janeiro**. Brasília: Senado Federal, Conselho Editorial, 2005.

POMPÉIA, Raul. **O Ateneu**. Barcelona: Sol90, 2004.

## Livros, Teses e Artigos

ALENCASTRO, Luiz Felipe de. Vida e ordem privada no Império. In Idem (org.). **História da Vida Privada no Brasil**. Império: a corte e a modernidade nacional. Volume 2. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

ALMEIDA, José Ricardo Pires de. **História da Instrução Pública no Brasil (1500-1889)**. História e Legislação. Tradução de Antonio Chizzotti. São Paulo: PUC-SP; Brasília: INEP, 1989.

ANDERSON, Benedict. **Comunidades imaginadas**. Reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo. Tradução de Denise Bottman. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

ANDRADE, Vera Lúcia Cabana de. **Colégio Pedro II: um lugar de memória**. Tese de Doutorado em História. Rio de Janeiro: IFCS/UFRJ, 1999.

BARMAN, Roderick J. **Brazil: the forging of a nation, 1798-1852**. Stanford: Stanford University Press, 1988.

BASILLE, Marcello Otávio Neri de Campos. **Anarquistas, rusguentos e demagogos: os liberais exaltados e a formação da esfera pública na Corte Imperial (1829-1834)**. Dissertação de mestrado. Rio de Janeiro: UFRJ, Departamento de História, 2000.

BHABA, Homi K. Disseminação. In: **O Local da Cultura**. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2007.

BORGES, Angélica. **Ordem no ensino**: a inspeção de professores primários na capital do Império brasileiro (1854-1865). Dissertação de mestrado em Educação. Rio de Janeiro: UERJ, 2008.

BOURDIEU, Pierre. **O Poder Simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007a.

\_\_\_\_\_, Sistemas de ensino e sistemas de pensamento. In **A Economia das Trocas Simbólicas**. São Paulo: Perspectiva, 2007b.

BOURDIEU, Pierre e CHARTIER, Roger. A leitura como prática cultural. Debate entre Pierre Bourdieu e Roger Chartier. In : CHARTIER, Roger; PAIRE, Alan. **Práticas de leitura**. Tradução de Cristiane Nascimento. 2º ed. São Paulo: Estação Liberdade, 2001.

CARVALHO, José Murilo de. Apresentação. In: **Bernardo Pereira de Vasconcelos**. Organização e introdução de José Murilo de Carvalho. São Paulo: Editora 34, 1999

\_\_\_\_\_, **A Construção da Ordem**: a elite política imperial. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

\_\_\_\_\_, **Cidadania no Brasil**: o longo caminho. 8ª Ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.

CASTRO, Celso. **Os militares e a República**: um estudo sobre cultura e ação política. Rio de Janeiro: Zahar, 1995.

CHARTIER, Roger. **A ordem dos livros**. Leitores, autores e bibliotecas na Europa entre os séculos XIV e XVIII. Brasília: Editora UnB, 1994.

\_\_\_\_\_, Do livro à leitura. In: CHARTIER, Roger; PAIRE, Alan. **Práticas de leitura**. Tradução de Cristiane Nascimento. 2º ed. São Paulo: Estação Liberdade, 2001.

\_\_\_\_\_, Introdução. In: CHARTIER, Roger; PAIRE, Alan. **Práticas de leitura**. Tradução de Cristiane Nascimento. 2º ed. São Paulo: Estação Liberdade, 2001.

CHIARAMONTE, José Carlos. Metamorfoses do conceito de nação durante os séculos XVII e XVIII. In: JANCSÓ, István. **Brasil: formação do Estado e da nação**. SP: Hucitec, 2003.

COSTA, Emília Viotti da. Introdução ao estudo da emancipação política do Brasil. In: MOTA, Carlos Guilherme. **Brasil em Perspectiva**. 4º ed. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1973.

COSTA, Emília Viotti da. **Da Monarquia à República**: momentos decisivos. 8ª Ed. São Paulo: UNESP, 2006.

COUTINHO, Afrânio (org.). **Caminhos do pensamento crítico**. Vol. 1. Rio de Janeiro: Pallas, 1980.

CUNHA, Maria Clementina Pereira. **Ecoss da folia**: uma história do carnaval carioca entre 1880 e 1920. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

CUNHA JÚNIOR, Carlos Fernando Ferreira da. **O Imperial Colégio de Pedro II e o ensino secundário da boa sociedade brasileira**. Rio de Janeiro: Apicuri, 2008.

DAMATTA, Roberto. **Carnavais, malandros e heróis**. Para uma sociologia do dilema brasileiro. 3ª ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.

DIAS, Maria Odila Leite da Silva. A interiorização da metrópole. In Carlos Guilherme da Mota. **1822: Dimensões**. São Paulo: Perspectiva, 1986.

DÓRIA, Escragno. **Memória Histórica do Colégio de Pedro Segundo: 1837-1937**. Edição comemorativa. Brasília: INEP, 1997.

DOYLE, Don H. e PAMPLONA, Marco Antonio Vilella. Introdução. Americanizando a conversa sobre o nacionalismo. In: Idem (orgs.). **Nacionalismo no Novo Mundo**. A formação de Estados-nação no século XIX. Rio de Janeiro: Record, 2008.

ELIAS, Norbert. **A Sociedade de Corte**. Investigação sobre a sociologia da realeza e da aristocracia de corte. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

FERREIRA, Bernardo e SANTOS, Beatriz Catão Cruz. Cidadão. In: João Feres Júnior (org.). **Léxico da história dos conceitos políticos do Brasil**. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2009.

FERREIRA, Tânia Maria Tavares Bessone da Cruz. **Palácios de destinos cruzados**: bibliotecas, homens e livros no Rio de Janeiro, 1870-1920. Rio de Janeiro: Arquivo nacional, 1999.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir**: Nascimento da Prisão. Petrópolis: Vozes, 2003.

GASPARELLO, Arlette Medeiros. **Construtores de identidades**: os compêndios de História do Brasil no Colégio Pedro II (1838-1920). São Paulo: PUC-SP (Tese de doutorado em Educação: História, Política e Sociedade), 2002.

GEERTZ, Clifford. **Negara**: o Estado Teatro no século XIX. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1992.

GINZBURG, Carlo. **O queijo e os vermes**: o cotidiano e as idéias de um moleiro perseguido pela Inquisição. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

GOFFMAN, Erving. **Manicômios, prisões e conventos**. São Paulo: Perspectiva, 2001.

GRAHAM, Richard. **Clientelismo e Política no Brasil do século XIX**. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 1997.

GUERRA, François-Xavier. A nação moderna: nova legitimidade e velhas identidades. In JANCSÓ, István. **Brasil: formação do Estado e da nação**. São Paulo: Hucitec, 2003.

GUIMARÃES, Manoel Luis Salgado. Nação e civilização nos trópicos: O Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e o Projeto de uma História Nacional. In: **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro, n.1, 1988.

Haidar, Maria de Lourdes Mariotto. **O ensino secundário no Império brasileiro**. São Paulo: Editora da USP / Editorial Grijalbo, 1972.

HANSEN, João Adolfo. A civilização pela palavra. In: LOPES, Eliane Marta Teixeira; FARIA FILHO, Luciano Mendes de; VEIGA, Cynthia Greive. **500 anos de educação no Brasil**. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

HÉBRARD, Jean. Três figuras de jovens leitores: alfabetização e escolarização do ponto de vista da história cultural. In: ABREU, Márcia (org.). **Leitura, história e história da leitura**. Campinas: Mercado das Letras, Associação de Leitura do Brasil, São Paulo: Fapesp, 1999.

\_\_\_\_\_, O autodidatismo exemplar. Como Valentin Jamerey-Duval aprendeu a ler? In: CHARTIER, Roger; PAIRE, Alain (org.). **Práticas de leitura**. Tradução de Cristiane Nascimento. 2ª Ed. São Paulo: Estação Liberdade, 2001.

JANCSÓ, István. Independência, Independências. In: Idem (org.). **Independência: história e historiografia**. São Paulo: Hucitec, 2005.

KARASCH, Mary. **A vida dos escravos no Rio de Janeiro (1808-1850)**. Tradução de Pedro Maia Soares, São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

KOSELLECK, Reinhart. **Futuro Passado**: contribuição à semântica dos tempos históricos. Rio de Janeiro: Contraponto, Editora PUC-Rio, 2006.

LIMA, Ivana Stolze. **Cores, marcas e falas**: sentidos da mestiçagem no Império do Brasil. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 2001.

\_\_\_\_\_, Língua nacional, histórias de um velho surrão. In: LIMA, Ivana Stolze; CARMO, Laura do. (Org.). **História Social da Língua Nacional**. Rio de Janeiro: Edições Casa de Rui Barbosa, 2008.

LYRA, Maria de Lourdes Viana. **A Utopia do Poderoso Império**. Portugal e Brasil: bastidores da política (1798-1822). Rio de Janeiro: Sette Letras, 1994.

MATTOS, Ilmar Rohloff de. **O Tempo Saquarema**. São Paulo / Brasília: Hucitec / INL, 1987.

\_\_\_\_\_, Construtores e herdeiros: a trama de interesses na construção da unidade política. In: **Almanack Brasiliense**. São Paulo, nº01, maio 2005.

\_\_\_\_\_, O gigante e o espelho. In: GRINBERG, Keila e SALLES, Ricardo (orgs). **O Brasil Imperial**, volume II: 1831-1870. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009.

MATTOS, Selma Rinaldi de. **O Brasil em lições**. A história como disciplina escolar em Joaquim Manoel de Macedo. Rio de Janeiro: Access, 2000.

MAUAD, Ana Maria, Imagem e auto-imagem do Segundo Reinado. In: ALENCASTRO, Luiz Felipe (org.). **História da Vida Privada no Brasil**.

Império: a corte e a modernidade nacional. Volume 2. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

MACHADO, Roberto [et al.]. **Danação da norma: a medicina social e constituição da psiquiatria no Brasil.** Rio de Janeiro: Edições Graal, 1978.

MOMIGLIANO, Arnaldo. L'histoire ancienne et l'Antiquaire. **Problèmes d'historiographie ancienne et moderne.** Paris: Gallimard, 1983.

MOREL, Marco. **As transformações dos espaços públicos: Imprensa, atores políticos e sociabilidades na Cidade Imperial (1820-1840).** São Paulo: Hucitec, 2005.

NABUCO, Joaquim. **Minha formação.** Brasília: Senado Federal, 1998.

NEVES, Lúcia M. Bastos Pereira das. Intelectuais brasileiros nos oitocentos: a constituição de uma família sob a proteção do poder imperial (1821-1828). In: Maria Emília Prado (Org.). **O Estado como vocação.** Rio de Janeiro: Access, 1999.

\_\_\_\_\_, A história para uso da mocidade brasileira. In: CARVALHO, José Murilo (org.). **Nação e Cidadania no Império: novos horizontes.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.

NEVES, Lúcia M. Bastos Pereira das e NEVES, Guilherme Pereira das. Constituição. In: João Feres Júnior (org.). **Léxico da história dos conceitos políticos do Brasil.** Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2009.

NEVES, Margarida de Souza. Uma cidade entre dois mundos – o Rio de Janeiro no final do século XIX. In GRINBERG, Keila e SALLES, Ricardo (orgs.). **O Brasil Imperial, volume III: 1870-1889.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009.

PAMPLONA, Marco Antonio Villela. Nação. In João Feres Júnior (org.). **Léxico da história dos conceitos políticos do Brasil.** Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2009.

PENNA, Fernando de Araújo. **Sob o nome e a capa do Imperador: a criação do Colégio de Pedro II e a construção do seu currículo.** Dissertação de mestrado em Educação. Rio de Janeiro: UFRJ, 2008.

POCOCK, J. A. **Linguagens do Ideário Político.** São Paulo: EdUsp, 2003.

PONTES, Vinícius Liorde. **A Reforma Couto Ferraz e o estabelecimento de uma direção para a instrução primária e secundária no Império do Brasil.** Dissertação de mestrado em História Social da Cultura. Rio de Janeiro: PUC-Rio, 2009.

RAMA, Ángel. **A Cidade das Letras.** Traduzido por Emir Sader. São Paulo: Brasiliense, 1985.

RENAN, Ernest. O que é uma nação? In Maria Helena Rouanet (org.). **Nacionalidade em questão.** Rio de Janeiro: UERJ/IL, 1997.

- RINGER, Fritz. **O declínio dos mandarins alemães**. São Paulo: EdUsp, 2000.
- RIZZINI, Carlos. **O livro, o jornal e a tipografia no Brasil (1500-1822), com um breve estudo geral sobre a informação**. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 1988.
- SAHLINS, Marshall. **Ilhas de história**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1990.
- SAVIANI, Demerval. Instituições escolares: conceito, história, historiografia e práticas. In **Cadernos de História da Educação**, n. 4, jan/dez 2005.
- \_\_\_\_\_, O legado educacional do “breve século XIX” brasileiro. In: SAVIANI [et. al.]. **O legado educacional do século XIX**. 2ª Ed. Campinas: Autores Associados, 2006.
- SCHAPOCHNIK, Nelson. Das ficções do arquivo: ordem dos livros e práticas de leitura na biblioteca pública da Corte Imperial. In: ABREU, Márcia (org.). **Leitura, história e história da leitura**. Campinas: Mercado das Letras, Associação de Leitura do Brasil, São Paulo: Fapesp, 1999.
- SCHWARTZ, Lília Moritz. **As Barbas do Imperador**. D. Pedro II, um monarca nos trópicos. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- SIMMEL, Georg. **Georg Simmel: Sociologia**. Organizado por Evaristo de Moraes Filho. São Paulo: Ática, 1983.
- SLEMIAN, Andrea. Seriam todos cidadãos? Os impasses na construção da cidadania nos primórdios do constitucionalismo no Brasil (1823-1824). In: JANCSÓ, István (org.). **Independência: história e historiografia**. São Paulo: Hucitec, 2005.
- SOUZA, Roberto Acízelo de. **O Império da Eloquência: retórica e poética no Brasil oitocentista**. Rio de Janeiro/Niterói: EdUERJ/Eduff, 1999.
- VELHO, Gilberto. Projeto, memória e história. In **Projeto e Metamorfose: antropologia das sociedades complexas**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.
- VIANNA, Glória, **Leitores e livros no Imperial Colégio de Pedro II**. Caminhos do Romance. Disponível no site Caminhos do Romance. Acesso em 23 nov. 2009. <[www.caminhosdoromance.iel.unicamp.br/estudos/abralic/leitores\\_livros.doc](http://www.caminhosdoromance.iel.unicamp.br/estudos/abralic/leitores_livros.doc)>
- VILLALTA, Luiz Carlos. O que se fala e o que se lê: língua, instrução e leitura. In: SOUZA, Laura de Mello e (org.). **História da vida privada no Brasil: cotidiano e vida privada na América portuguesa**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- WEBER, Max. **Ensaio de sociologia**. Organizado por Hans Heinrich Gerth e C. Wright Mills. 2ª. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1971.

## Apêndice

ASSIS, Machado. Conto de Escola. In: *Várias Histórias*. Rio de Janeiro: Laemmertz & C. Editores, 1896.

A escola era na Rua do Costa, um sobradinho de grade de pau. O ano era de 1840. Naquele dia — uma segunda-feira, do mês de maio — deixei-me estar alguns instantes na Rua da Princesa a ver onde iria brincar a manhã. Hesitava entre o morro de S. Diogo e o Campo de Sant’Ana, que não era então esse parque atual, construção de *gentleman*, mas um espaço rústico, mais ou menos infinito, alastrado de lavadeiras, capim e burros soltos. Morro ou campo? Tal era o problema. De repente disse comigo que o melhor era a escola. E guiei para a escola. Aqui vai a razão.

Na semana anterior tinha feito dois suetos, e, descoberto o caso, recebi o pagamento das mãos de meu pai, que me deu uma sova de vara de marmeleiro. As sovas de meu pai doíam por muito tempo. Era um velho empregado do Arsenal de Guerra, ríspido e intolerante. Sonhava para mim uma grande posição comercial, e tinha ânsia de me ver com os elementos mercantis, ler, escrever e contar, para me meter de caixeiro. Citava-me nomes de capitalistas que tinham começado ao balcão. Ora, foi a lembrança do último castigo que me levou naquela manhã para o colégio. Não era um menino de virtudes.

Subi a escada com cautela, para não ser ouvido do mestre, e cheguei a tempo; ele entrou na sala três ou quatro minutos depois. Entrou com o andar manso do costume, em chinelas de cordovão, com a jaqueta de brim lavada e desbotada, calça branca e tesa e grande colarinho caído. Chamava-se Policarpo e tinha perto de cinqüenta anos ou mais. Uma vez sentado, extraiu da jaqueta a boceta de rapé e o lenço vermelho, pô-los na gaveta; depois relanceou os olhos pela sala. Os meninos, que se conservaram de pé durante a entrada dele, tornaram a sentar-se. Tudo estava em ordem; começaram os trabalhos.

— *Seu Pilar*, eu preciso falar com você, disse-me baixinho o filho do mestre.

Chamava-se Raimundo este pequeno, e era mole, aplicado, inteligência tarda. Raimundo gastava duas horas em reter aquilo que a outros levava apenas trinta ou cinquenta minutos; venciam com o tempo o que não podia fazer logo com o cérebro. Reuniam a isso um grande medo ao pai. Era uma criança fina, pálida, cara doente; raramente estava alegre. Entrava na escola depois do pai e retirava-se antes. O mestre era mais severo com ele do que conosco.

— O que é que você quer?

— Logo, respondeu ele com voz trêmula.

Começou a lição de escrita. Custa-me dizer que eu era dos mais adiantados da escola; mas era. Não digo também que era dos mais inteligentes, por um escrúpulo fácil de entender e de excelente efeito no estilo, mas não tenho outra convicção. Note-se que não era pálido nem mofino: tinha boas cores e músculos de ferro. Na lição de escrita, por exemplo, acabava sempre antes de todos, mas deixava-me estar a recortar narizes no papel ou na tábua, ocupação sem nobreza nem espiritualidade, mas em todo caso ingênua. Naquele dia foi a mesma coisa; tão depressa acabei, como entrei a reproduzir o nariz do mestre, dando-lhe cinco ou seis atitudes diferentes, das quais recorro a interrogativa, a admirativa, a dubitativa e a cogitativa. Não lhes punha esses nomes, pobre estudante de primeiras letras que era; mas, instintivamente, dava-lhes essas expressões. Os outros foram acabando; não tive remédio senão acabar também, entregar a escrita, e voltar para o meu lugar.

Com franqueza, estava arrependido de ter vindo. Agora que ficava preso, ardia por andar lá fora, e recapitulava o campo e o morro, pensava nos outros meninos vadios, o Chico Telha, o Américo, o Carlos das Escadinhas, a fina flor do bairro e do gênero humano. Para cúmulo de desespero, vi através das vidraças da escola, no claro azul do céu, por cima do Morro do Livramento, um papagaio de papel, alto e largo, preso de uma corda imensa, que bojava no ar, uma coisa soberba. E eu na escola, sentado, pernas unidas, com o livro de leitura e a gramática nos joelhos.

— Fui um bobo em vir, disse eu ao Raimundo.

— Não diga isso, murmurou ele.

Olhei para ele; estava mais pálido. Então lembrou-me outra vez que queria pedir-me alguma coisa, e perguntei-lhe o que era. Raimundo estremeceu de novo, e, rápido, disse-me que esperasse um pouco; era uma coisa particular.

— *Seu Pilar...* murmurou ele daí a alguns minutos.

— Que é?

— Você...

— Você quê?

Ele deitou os olhos ao pai, e depois a alguns outros meninos. Um destes, o Curvelo, olhava para ele, desconfiado, e o Raimundo, notando-me essa circunstância, pediu alguns minutos mais de espera. Confesso que começava a arder de curiosidade. Olhei para o Curvelo, e vi que parecia atento; podia ser uma simples curiosidade vaga, natural indiscrição; mas podia ser também alguma coisa entre eles. Esse Curvelo era um pouco levado do diabo. Tinha onze anos, era mais velho que nós.

Que me queria o Raimundo? Continuei inquieto, remexendo-me muito, falando-lhe baixo, com instância, que me dissesse o que era, que ninguém cuidava dele nem de mim. Ou então, de tarde...

— De tarde, não, interrompeu-me ele; não pode ser de tarde.

— Então agora...

— Papai está olhando.

Na verdade, o mestre fitava-nos. Como era mais severo para o filho, buscava-o muitas vezes com os olhos, para trazê-lo mais aperreado. Mas nós também éramos finos; metemos o nariz no livro, e continuamos a ler. Afinal cansou e tomou as folhas do dia, três ou quatro, que ele lia devagar, mastigando as idéias e as paixões. Não esqueçam que estávamos então no fim da Regência, e que era grande a agitação pública. Policarpo tinha decerto algum partido, mas nunca pude averiguar esse ponto. O pior que ele podia ter, para nós, era a palmatória. E essa lá estava, pendurada do portal da janela, à direita, com os seus cinco olhos do diabo. Era só levantar a mão, despendurá-la e brandi-la, com a força do costume, que não era pouca. E daí, pode ser que alguma vez as paixões políticas dominassem nele a ponto de poupar-nos uma ou outra correção. Naquele dia, ao menos, pareceu-me que lia as folhas com muito interesse; levantava os olhos de quando em quando, ou tomava uma pitada, mas tornava logo aos jornais, e lia a valer.

No fim de algum tempo — dez ou doze minutos — Raimundo meteu a mão no bolso das calças e olhou para mim.

— Sabe o que tenho aqui?

— Não.

— Uma pratinha que mamãe me deu.

— Hoje?

— Não, no outro dia, quando fiz anos...

— Pratinha de verdade?

— De verdade.

Tirou-a vagarosamente, e mostrou-me de longe. Era uma moeda do tempo do rei, cuido que doze vinténs ou dois tostões, não me lembro; mas era uma moeda, e tal moeda que me fez pular o sangue no coração. Raimundo revolveu em mim o olhar pálido; depois perguntou-me se a queria para mim. Respondi-lhe que estava caçoando, mas ele jurou que não.

— Mas então você fica sem ela?

— Mamãe depois me arranja outra. Ela tem muitas que vovô lhe deixou, numa caixinha; algumas são de ouro. Você quer esta?

Minha resposta foi estender-lhe a mão disfarçadamente, depois de olhar para a mesa do mestre. Raimundo recuou a mão dele e deu à boca um gesto amarelo, que queria sorrir. Em seguida propôs-me um negócio, uma troca de serviços; ele me daria a moeda, eu lhe explicaria um ponto da lição de sintaxe. Não conseguira reter nada do livro, e estava com medo do pai. E concluía a proposta esfregando a pratinha nos joelhos...

Tive uma sensação esquisita. Não é que eu possuísse da virtude uma idéia antes própria de homem; não é também que não fosse fácil em empregar uma ou outra mentira de criança. Sabíamos ambos enganar ao mestre. A novidade estava nos termos da proposta, na troca de lição e dinheiro, compra franca, positiva, toma lá, dá cá; tal foi a causa da sensação. Fiquei a olhar para ele, à toa, sem poder dizer nada.

Compreende-se que o ponto da lição era difícil, e que o Raimundo, não o tendo aprendido, recorria a um meio que lhe pareceu útil para escapar ao castigo do pai. Se me tem pedido a coisa por favor, alcançá-la-ia do mesmo modo, como de outras vezes; mas parece que era a lembrança das outras vezes, o medo de

achar a minha vontade frouxa ou cansada, e não aprender como queria, — e pode ser mesmo que em alguma ocasião lhe tivesse ensinado mal, — parece que tal foi a causa da proposta. O pobre-diabo contava com o favor, — mas queria assegurar-lhe a eficácia, e daí recorreu à moeda que a mãe lhe dera e que ele guardava como relíquia ou brinquedo; pegou dela e veio esfregá-la nos joelhos, à minha vista, como uma tentação... Realmente, era bonita, fina, branca, muito branca; e para mim, que só trazia cobre no bolso, quando trazia alguma coisa, um cobre feio, grosso, azinhavrado...

Não queria recebê-la, e custava-me recusá-la. Olhei para o mestre, que continuava a ler, com tal interesse, que lhe pingava o rapé do nariz. — Ande, tome, dizia-me baixinho o filho. E a pratinha fuzilava-lhe entre os dedos, como se fora diamante... Em verdade, se o mestre não visse nada, que mal havia? E ele não podia ver nada, estava agarrado aos jornais lendo com fogo, com indignação...

— Tome, tome...

Relancei os olhos pela sala, e dei com os do Curvelo em nós; disse ao Raimundo que esperasse. Pareceu-me que o outro nos observava, então dissimulei; mas daí a pouco deitei-lhe outra vez o olho, e — tanto se ilude a vontade! — não lhe vi mais nada. Então cobrei ânimo.

— Dê cá...

Raimundo deu-me a pratinha, sorateiramente; eu meti-a na algibeira das calças, com um alvoroço que não posso definir. Cá estava ela comigo, pegadinha à perna. Restava prestar o serviço, ensinar a lição e não me demorei em fazê-lo, nem o fiz mal, ao menos conscientemente; passava-lhe a explicação em um retalho de papel que ele recebeu com cautela e cheio de atenção. Sentia-se que despendia um esforço cinco ou seis vezes maior para aprender um nada; mas contanto que ele escapasse ao castigo, tudo iria bem.

De repente, olhei para o Curvelo e estremeci; tinha os olhos em nós, com um riso que me pareceu mau. Disfarcei; mas daí a pouco, voltando-me outra vez para ele, achei-o do mesmo modo, com o mesmo ar, acrescentando que entrava a remexer-se no banco, impaciente. Sorri para ele e ele não sorriu; ao contrário, franziu a testa, o que lhe deu um aspecto ameaçador. O coração bateu-me muito.

— Precisamos muito cuidado, disse eu ao Raimundo.

— Diga-me isto só, murmurou ele.

Fiz-lhe sinal que se calasse; mas ele instava, e a moeda, cá no bolso, lembrava-me o contrato feito. Ensinei-lhe o que era, disfarçando muito; depois, tornei a olhar para o Curvelo, que me pareceu ainda mais inquieto, e o riso, dantes mau, estava agora pior. Não é preciso dizer que também eu ficara em brasas, ansioso que a aula acabasse; mas nem o relógio andava como das outras vezes, nem o mestre fazia caso da escola; este lia os jornais, artigo por artigo, pontuando-os com exclamações, com gestos de ombros, com uma ou duas pancadinhas na mesa. E lá fora, no céu azul, por cima do morro, o mesmo eterno papagaio, guinando a um lado e outro, como se me chamasse a ir ter com ele. Imaginei-me ali com os livros e a pedra embaixo da mangueira, e a pratinha no bolso das calças, que eu não daria a ninguém, nem que me serrassem; guardá-la-ia em casa, dizendo a mamãe que a tinha achado na rua. Para que me não fugisse, ia-a apalpando, roçando-lhe os dedos pelo cunho, quase lendo pelo tato a inscrição, com uma grande vontade de espiá-la.

— Oh! *seu* Pilar! bradou o mestre com voz de trovão.

Estremeci como se acordasse de um sonho, e levantei-me às pressas. Dei com o mestre, olhando para mim, cara fechada, jornais dispersos, e ao pé da mesa, em pé, o Curvelo. Pareceu-me adivinhar tudo.

— Venha cá! bradou o mestre.

Fui e parei diante dele. Ele enterrou-me pela consciência dentro um par de olhos pontudos; depois chamou o filho. Toda a escola tinha parado; ninguém mais lia, ninguém fazia um só movimento. Eu, conquanto não tirasse os olhos do mestre, sentia no ar a curiosidade e o pavor de todos.

— Então o senhor recebe dinheiro para ensinar as lições aos outros? disse-me o Policarpo.

— Eu...

— Dê cá a moeda que este seu colega lhe deu! clamou.

Não obedeci logo, mas não pude negar nada. Continuei a tremer muito. Policarpo bradou de novo que lhe desse a moeda, e eu não resisti mais, meti a mão no bolso, vagarosamente, saquei-a e entreguei-lha. Ele examinou-a de um e outro lado, bufando de raiva; depois estendeu o braço e atirou-a à rua. E então disse-nos uma porção de coisas duras, que tanto o filho como eu acabávamos de praticar uma ação feia, indigna, baixa, uma vilania, e para emenda e exemplo íamos ser castigados. Aqui pegou da palmatória.

— Perdão, *seu* mestre... soluzei eu.

— Não há perdão! Dê cá a mão! dê cá! vamos! sem-vergonha! dê cá a mão!

— Mas, *seu* mestre...

— Olhe que é pior!

Estendi-lhe a mão direita, depois a esquerda, e fui recebendo os bolos uns por cima dos outros, até completar doze, que me deixaram as palmas vermelhas e inchadas. Chegou a vez do filho, e foi a mesma coisa; não lhe poupou nada, dois, quatro, oito, doze bolos. Acabou, pregou-nos outro sermão. Chamou-nos sem-vergonhas, desaforados, e jurou que se repetíssemos o negócio, apanharíamos tal castigo que nos havia de lembrar para todo o sempre. E exclamava: Porcalhões! tratantes! faltos de brio!

Eu, por mim, tinha a cara no chão. Não ousava fitar ninguém, sentia todos os olhos em nós. Recolhi-me ao banco, soluçando, fustigado pelos improperios do mestre. Na sala arquejava o terror; posso dizer que naquele dia ninguém faria igual negócio. Creio que o próprio Curvelo enfiara de medo. Não olhei logo para ele, cá dentro de mim jurava quebrar-lhe a cara, na rua, logo que saíssemos, tão certo como três e dois serem cinco.

Daí a algum tempo olhei para ele; ele também olhava para mim, mas desviou a cara, e penso que empalideceu. Compôs-se e entrou a ler em voz alta; estava com medo. Começou a variar de atitude, agitando-se à toa, coçando os joelhos, o nariz. Pode ser até que se arrependesse de nos ter denunciado; e na verdade, por que denunciar-nos? Em que é que lhe tirávamos alguma coisa?

"Tu me pagas! tão duro como osso!" dizia eu comigo.

Veio a hora de sair, e saímos; ele foi adiante, apressado, e eu não queria brigar ali mesmo, na Rua do Costa, perto do colégio; havia de ser na Rua Larga de S.

Joaquim. Quando, porém, cheguei à esquina, já o não vi; provavelmente escondera-se em algum corredor ou loja; entrei numa botica, espiei em outras casas, perguntei por ele a algumas pessoas, ninguém me deu notícia. De tarde faltou à escola.

Em casa não contei nada, é claro; mas para explicar as mãos inchadas, menti a minha mãe, disse-lhe que não tinha sabido a lição. Dormi nessa noite, mandando ao diabo os dois meninos, tanto o da denúncia como o da moeda. E

sonhei com a moeda; sonhei que, ao tornar à escola, no dia seguinte, dera com ela na rua, e a apanhara, sem medo nem escrúpulos...

De manhã, acordei cedo. A idéia de ir procurar a moeda fez-me vestir depressa. O dia estava esplêndido, um dia de maio, sol magnífico, ar brando, sem contar as calças novas que minha mãe me deu, por sinal que eram amarelas. Tudo isso, e a pratinha... Saí de casa, como se fosse trepar ao trono de Jerusalém. Piquei o passo para que ninguém chegasse antes de mim à escola; ainda assim não andei tão depressa que amarrotasse as calças. Não, que elas eram bonitas! Mirava-as, fugia aos encontros, ao lixo da rua...

Na rua encontrei uma companhia do batalhão de fuzileiros, tambor à frente, rufando. Não podia ouvir isto quieto. Os soldados vinham batendo o pé rápido, igual, direita, esquerda, ao som do rufo; vinham, passaram por mim, e foram andando. Eu senti uma comichão nos pés, e tive ímpeto de ir atrás deles. Já lhes disse: o dia estava lindo, e depois o tambor... Olhei para um e outro lado; afinal, não sei como foi, entrei a marchar também ao som do rufo, creio que cantarolando alguma coisa: *Rato na casaca...* Não fui à escola, acompanhei os fuzileiros, depois enfiei pela Saúde, e acabei a manhã na Praia da Gamboa. Voltei para casa com as calças enxovalhadas, sem pratinha no bolso nem ressentimento na alma. E contudo a pratinha era bonita e foram eles, Raimundo e Curvelo, que me deram o primeiro conhecimento, um da corrupção, outro da delação; mas o diabo do tambor...